



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Autor/edtor: Slavoj Žizek	Cód.:
TÍTULO: Refugees, Terror and other Troubles with the Neighbors	Data da ficha: 2 de Julho de 2018
Editora: Melville	
Ano: 2016	
ISBN: 9781612196251	
Páginas: 144	

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Os ataques terroristas no ocidente são disrupções momentâneas da vida quotidiana – vítimas recebem o apoio da comunidade. Mas violência é um facto permanente na vida dos países em desenvolvimento – para com essas pessoas já não há solidariedade. Como nos diz Peter Sloterdijk, a globalização não é apenas uma questão de abertura mas da extensão de um globo fechado sobre si mesmo, que separa os que se encontram dentro dele dos que ficam de fora. O alcance global do capitalismo faz com que esta radical divisão de classe (dentro/fora) afete todo o globo. O terrorismo lembra-nos que este mundo fora do nosso globo de vidro ainda existe.

Os maiores hipócritas são aqueles que advogam um mundo sem fronteiras. Sabem bem que isso nunca poderia acontecer, visto que levaria a uma revolta populista. Estas “almas impolutas” (“beautiful souls”) julgam estar acima do mundo corrupto que as rodeia mas também participam nele. Precisam que este mundo corrupto exista para que consigam exercer a sua superioridade moral. Tentam tratar os sintomas em vez da doença. O objetivo deveria ser reconstruir a sociedade de modo a que a pobreza fosse impossível; reconstruir o mundo de modo a que os refugiados não tivessem de sair das suas terras. Partidos centristas rejeitam o racismo aberto dos anti-imigrantes e dizem compreender a dor das pessoas comuns mas acabam por implementar versões “mais racionais” da mesma política.

Deixados à sua sorte, os africanos não irão conseguir erguer as suas sociedades, visto que o ocidente impede que o façam, com as suas intervenções militares e as crises económicas que provocam. A culpa pela fome que afeta estes países não pode ser atribuída aos suspeitos do costume (corrupção, ineficácia

e intervencionismo estatal). O erro está em tratar colheitas como mercadorias e não como um direito fundamental dos pobres. Ocidente encoraja-os a deixar os terrenos mais férteis para o cultivo de produtos para exportação, impedindo-os de ser auto-suficientes e forçando-os a depender dos mercados internacionais: um novo tipo de pós-colonialismo. Com o crescimento das exportações, agricultores são empurrados para bairros de lata e para “sweatshops”, locais ou em países ocidentais (a chamada “nova escravatura”). Para lidarmos com estes problemas, temos de adotar novas formas de ação coletiva. Nem intervenção estatal nem organização local são capazes de resolver grande coisa. Se refugiados vão para Europa/EUA e vivem de subsídios, é natural que ainda assim não sintam gratidão, visto que os seus países foram destruídos pelo ocidente.

Não é só a Europa que é responsável por esta situação. A Turquia, por exemplo, luta contra o Estado Islâmico, mas ao mesmo tempo contra os Curdos. Os países árabes ricos não aceitam refugiados. Está montada uma complexa economia de transporte de refugiados.

Os refugiados entram no ocidente como “novos escravos”, mão-de-obra precária, muitas vezes para prejuízo das populações locais que, por sua vez, dão votos aos partidos anti-imigração-

Os refugiados não ficam satisfeitos por serem recolhidos pela Itália ou pela França. Querem ir para o Reino Unido ou a Escandinávia. A lição que aprendem é que a Noruega dos seus sonhos não existe nem mesmo na Noruega. Terão que aprender a censurar os seus sonhos e em vez de irem atrás deles no mundo real, têm de ajudar a transformar a realidade.

A chamada “guerra das culturas” (trabalhadores locais, racistas e homofóbicos, contra o bloco dos liberais decadentes, a homossexualidade e as “forças externas” que destroem as tradições nacionais) é na verdade uma guerra de classes. As classes dominantes toleram esta agenda moral porque não querem que nada verdadeiramente mude. Luta de classes é o princípio estruturante por detrás desta pluralidade de identidades que se digladiam.

Ouvir as preocupações dos mais pobres não quer dizer que concordemos com a ideia de que a ameaça vem do exterior. Devemos, pelo contrário, ajudá-los a perceber que estão a ser responsáveis pela sua própria destruição. O inimigo não são os imigrantes mas aqueles que nada mudam com a sua atitude de tolerância.

Para verdadeiramente irmos contra a noção conservadora e xenófoba de que a “cultura Europeia” deve ser defendida contra o inimigo do exterior, devemos rejeitar o seu pressuposto de base, nomeadamente a de que todos os grupos étnicos têm uma “nativia” específica.

A civilização europeia tolera facilmente outras culturas precisamente graças a uma das suas piores qualidades – a alienação da vida social. Distância é um elemento fundamental nas relações interpessoais.

Zizek debruça-se sobre a máxima cristã que nos diz para “amar o outro” (“love thy neighbor”). O problema é que “o outro” é sempre sinistro (“creepy”, na terminologia de Adam Kotsko), nunca estando verdadeiramente numa relação universal de igualdade em relação a nós. Essa estranheza do outro leva a que projetemos nele uma “plenitude” (“full jouissance”) que invejamos. Na verdade, não são os outros que são estranhos – nós somos estranhos em relação a nós próprios. Por isso, para verdadeiramente

existir, a universalidade terá de ser uma “universalidade de estranhos”. Não podemos associar indivíduos a identidades fixas e imutáveis (por exemplo, dizer que temos de tolerar a misoginia dos muçulmanos porque a “a cultura deles é assim”; a relação entre o indivíduo e a sua cultura nunca é unívoca e transparente; por isso Hegel nos diz que “os segredos dos Egípcios eram segredos para os próprios Egípcios”). Assim, não devemos tratar “o outro” (“the neighbor”) com compaixão mas sim com o tipo de humor que troça tanto dele como de nós, bem como da nossa mútua (auto-) incompreensão.

Devemos também aplicar esta ideia aos pobres e ao lugar-comum de que devemos vê-los com compaixão. Como nos diz Alenka Zupancic, não há nada de glamoroso na pobreza. O sofrimento não torna as pessoas mais autênticas ou moralmente puras, pelo contrário. Os pobres não “como nós” apenas na sua bondade e fragilidade. São tão violentos, impacientes e exigentes “como nós”. Os pobres e os refugiados não são “como nós” mas, mesmo assim, devemos ajudá-los. Devemos fazer não o que é moralmente correto mas o que é necessário. O facto de que demonstrações de generosidade nos fazem sentir bem com nós próprios deve fazer soar os alarmes – não estaremos apenas a evitar fazer algo mais difícil?

Alain Badiou diz-nos que grande parte dos imigrantes nutrem um “desejo de pertencer ao ocidente” e os niilistas radicais têm “inveja do ocidente”, que se converte num ódio auto-destrutivo. Classe-média europeia tem medo de ser invadida por desempregados e de ela própria acabar desempregada e excluída. A motivação dos refugiados não é uma motivação revolucionária: desejam deixar para trás o seu habitat devastado e reintegrar o grupo dos incluídos no ocidente. Aqueles que ficam para trás tentam recriar nas suas terras uma cópia da prosperidade ocidental (exemplo: Luanda e Lagos). Uma vez que esta prosperidade não pode ser para todos, acabam por abraçar ideologias auto-destrutivas. Ocidente passa de objecto do desejo a obstáculo à concretização desse desejo. Esta lógica acaba por espelhar a dos partidos xenófobos que também estão interessados em acicatar uma “guerra de civilizações”.

Zizek concorda com a análise de Badiou mas, contrariamente a este, diz-nos que a religião é central para esta lógica de ofuscação do desejo (i.e. não perceber que o seu moralismo advém de um sentimento de inveja). Também não concorda com Badiou quando este nos diz que os refugiados são um “proletariado nómada”. Zizek observa que nestes migrantes o “desejo de pertencer ao ocidente” é ainda mais forte e por isso não é do seu interesse identificarem-se com o proletariado (o seu objectivo é precisamente fugir da exclusão). O autor também não acha que devamos pensar que por detrás do ódio e inveja dos refugiados existe uma dimensão humana mais profunda. Diz-se que só uma pequena parte dos refugiados são violentos e que a maior parte respeita as mulheres. Mas respeitam-nas de que forma?

Há um grão de verdade na propaganda racista, diz Zizek: as classes oprimidas recorrem, por vezes, a uma “violência carnavalesca” (por exemplo, nos ataques de Colónia) para chocar a classe-media e fazer cair o seu decoro. Não há nada de emancipatório nestas atitudes. O ocidente tem culpa de ter semeado este furacão, mas os muçulmanos também devem ser responsabilizados pelo como como subjectivizaram a sua situação. Somos sempre responsáveis por aquilo que nos dá prazer.

Tentativas de “educar” os imigrantes para que situações como a de Colónia não se repitam são caricatas. Os imigrantes sabem muito bem quando estão a violar o decoro burguês e fazem-no intencionalmente. O objectivo não deve ser ensiná-los mas fazer com que não nutram inveja/ódio pelo ocidente. No caso dos ataques de Colónia, direitos das mulheres coincidem com os dos imigrantes, apesar de isto não ser aparente: para verdadeiramente defendermos a dignidade dos imigrantes, temos de garantir que estes são suficientemente auto-críticos para respeitarem os das mulheres.

Livre circulação deve ser limitada. Movimento livre não existe sequer entre refugiados, visto que só aqueles com mais dinheiro chegam à Europa. Tolerância de diferentes modos de vida não funciona. Deve haver um número mínimo de regras que devem ser seguidas e só nesse contexto deve haver tolerância. Devemos rejeitar a ideia politicamente correcta de que a Europa “perdeu a sua empatia”. O que acontece é que o multiculturalismo vigente, em que as diferentes culturas se ignoram ou se odeiam em silêncio, mantém tudo na mesma. Devemos ir para além da tolerância e integrar estas pessoas numa luta comum contra o capitalismo global/colonialista, responsável pela destruição das terras de onde vêm.

1.2. Palavras-chave:

Refugiados; Fronteiras; Multiculturalismo; Europa; Politicamente Correcto; Tolerância; Capitalismo Global; Pós-Colonialismo; Islão; Pobreza; Guerra das Civilizações; Nova Escravatura; Terrorismo;

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do livro: Zizek, Slavoj. *Refugees, Terror and other Trouble with the Neighbours*. New York: Melville, 2017.